



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 20/01/2017

GLOBAL	2
OIE reafirmó lucha contra el mal uso de los antibióticos	2
BRASIL	2
Crece la presión a la baja en las cotizaciones	2
Retroceden los valores mayorista de la carne	2
SP elimina exención de ICMS en carnes	3
Acrimat expresó su queja por un incremento en la alícuota de ICMS en Mato Grosso.....	3
Brasil redujo sus importaciones de carnes bovinas en 2016 por caída de la demanda	3
Registro de productos de origen animal fue sistematizado.....	4
Mato Grosso: retención de vientres provocó un incremento en su rodeo bovino	4
TURQUÍA fue el principal comprador de ganado en pie en 2017: 158,7 mil cabezas.....	4
URUGUAY	4
Pulseada con ajuste de valores por las haciendas	4
Nuevo dressing aviva discusión en torno de los precios los ganados a faena	5
Un consignatario afirmó que le bajaron el valor de vacas por esa razón.....	5
INAC consideró normal el comienzo del nuevo dressing	6
Fucrea: "Aumento de rendimiento del ganado se contrapone a la baja de precios de frigoríficos"	6
Ganados de feedlots con rendimientos dispares entre plantas frigoríficas	7
Novillo Tipo cerró el 2016 en mínimos desde el 2011	7
Federación Rural mide falta de competencia a través de indicador	7
Preparan la primera misión exploratoria de Japón en 17 años Frigoríficos e INAC estarán presentes en Foodex 2017	8
Faena de vacas lecheras en 2016 fue la segunda mayor de los últimos seis años	8
PARAGUAY	9
Carne: llegó el informe final de auditoría de UE con resultados satisfactorios	9
Menos carne irá a Israel	9
Iniciarán campaña antiaftosa.....	10
UNIÓN EUROPEA	10
EEUU reabre la importación de carne bovina de FRANCIA	10
IRLANDA Identificó un caso de BSE atípico	11
IRLANDA: Las exportaciones de carne y productos cárnicos superaron € 3.500 millones	11
FRANCIA: En 2018 los frigoríficos contarán obligatoriamente con cámaras de televisión.....	11
BREXIT	11
Theresa May propuso estrategia de desvinculación total de la UE.....	11
Entidades agropecuarias preocupadas por el impacto de un tratado de libre comercio.....	12
Productores irlandeses colocan al BREXIT entre sus prioridades. Serían el sector más expuesto	13
Exportadores británicos se familiarizan con exigencias para exportar a EE.UU.	14
ESTADOS UNIDOS	14
Promueven cortes alternativos en UZBEKISTAN	14
Trump nomina ex – Gobernador de Georgia como Secretario de Agricultura.....	15
Reacción positiva ante el nombramiento	15
AUSTRALIA	16
Bajaron las exportaciones carnes bovinas en 2016	16
Productores bovinos son eficientes comparados con el resto del mundo	18
CHINA	18
Aditivos y contaminación: graves problemas	18
SUDAFRICA inicia tratativas para exportar carnes a CHINA	19
EMPRESARIAS	19
Minerva obtuvo un premio por su exitosa emisión de títulos	19
Marcos Molina elevó su participación dentro de MARFRIG.....	19
Minerva canceló la compra del frigorífico Frisa y sus acciones bajaron	19



GLOBAL

OIE reafirmó lucha contra el mal uso de los antibióticos

14/01/2017 - Directora promueve fortalecimiento de los servicios veterinarios.

Ganado vacuno junto a un camino buscando alimento por la sequía, escasez de lluvias, ternero mamando, nd 20090109, foto Ines Guimaraens, Archivo El País

La directora general de la Organización Mundial de Sanidad Animal (OIE), Monique Éloit, reiteró el compromiso de la OIE con una mejor gobernabilidad de la sanidad y el bienestar de los animales en el mundo, aspectos fundamentales para la prosperidad económica y para el bienestar social y ambiental de la población humana, según remarcó en una conferencia de prensa celebrada en París.

Éloit recordó los tres ejes estratégicos del trabajo del organismo que rige las normas del comercio mundial de animales y subproductos de ese origen -las reglas de la OIE son refrendadas por la Organización Mundial de Comercio- que son: Mejorar la sanidad y el bienestar animal a través de una gestión adaptada de los riesgos en la interfaz hombre-animal-medio ambiente; Consolidar la confianza a través de la transparencia y la buena comunicación sobre la incidencia de las enfermedades epidemiológicamente importantes. Por último, a través de las normas de la OIE sobre la seguridad de los intercambios y respaldar y fortalecer las capacidades y la sostenibilidad de los Servicios Veterinarios de los países miembros.

Entre las metas del organismo compuesto por 187 países miembros -entre ellos Uruguay- también está luchar contra la resistencia a los antibióticos, así como promover su uso prudente. La estrategia forma parte de una iniciativa mundial que se lleva a cabo de manera coordinada con la Organización Mundial de la Salud (OMS) y la Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura (FAO).

Por otra parte, la OIE recibió el mandato de sus países miembros de crear una base de datos mundial para recolectar información relativa al uso de antibióticos en los animales. Los resultados del primer año de recolección de datos (2016) han sido publicados recientemente.

El bienestar animal no estuvo ausente y la OIE elaboró un proyecto de estrategia mundial sobre bienestar animal que permite construir "un mundo en el que el bienestar de los animales se respete, promueva y avance, de manera que complementa la búsqueda de la sanidad animal, el bienestar humano, el desarrollo socioeconómico y la sostenibilidad del medio ambiente".

Uruguay es centro colaborador de la Organización Mundial de Sanidad Animal en bienestar animal, un atributo que apunta a certificar -a futuro- en sus exportaciones de carne, buscando generar más valor.

BRASIL

Crece la presión a la baja en las cotizaciones

Sexta-feira, 20 de janeiro de 2017 - As pressões dos frigoríficos no mercado do boi gordo começam a aumentar.

Destaque para a região Centro-Oeste, onde há uma maior oferta de animais terminados e as tentativas de negócios abaixo da referência pressionam as cotações.

Onde há um menor volume de oferta, os negócios seguem travados e o mercado caminha de lado, com preços estáveis.

Em São Paulo houve queda nas duas praças e a referência para o boi gordo ficou em R\$151,00/@, a prazo (19/1).

O baixo consumo de carne interferiu mais uma vez no mercado atacadista gerando queda na referência. O boi casado de animas castrados fechou cotado em R\$9,50/kg.

Retroceden los valores mayorista de la carne

Sexta-feira, 20 de janeiro de 2017 - As semanas de quedas de preço das carnes se acumulam. As três semanas transcorridas em janeiro/17 e a última de dezembro/16 vieram com desvalorização para a carne bovina no atacado.

Desde a segunda metade de outubro de 2016, somente em três semanas o mercado subiu. E tudo isso ocorre em um ambiente de oferta pequena de boiadas com, inclusive, compradores nada dispostos a alongar as escalas. Ou seja, tudo joga em favor da redução dos estoques já há um bom tempo e, mesmo assim, não tem sido possível encontrar um equilíbrio com a demanda.

Não há perspectiva de melhora de vendas no curto prazo. Estamos na terceira semana do mês e a próxima não será ainda a que antecede os pagamentos de salários, período em que costuma acontecer a reposição dos estoques por parte dos varejistas e acaba ajudando no escoamento do atacado.

Outro ponto que chama a atenção é o fato de a carne bovina, desde a metade final de novembro, vir registrando preços médios menores do que um ano antes. Mesmo com inflação e com alta de custos de



produção, itens que pressionam o empresário por receitas maiores, não tem sido possível elevar os preços de venda.

SP elimina exención de ICMS en carnes

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.18/01/17 - por Equipe BeefPoint
No fim do ano passado, o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin, editou decreto extinguindo a isenção de ICMS que beneficiava o segmento de carnes desde 2009.

A medida, que faz parte de uma revisão dos incentivos fiscais concedidos pelo governo paulista, pode ocasionar uma elevação de até 8% nos preços das carnes a depender da margem dos varejistas, de acordo com os cálculos do vice-presidente Sindicato dos Agentes Fiscais de Rendas do Estado de São Paulo (Sinafresp), Glauco Honório.

Publicado na edição de 30 de dezembro do "Diário Oficial do Estado de São Paulo", o decreto 62.401 estabeleceu em 11% o ICMS das carnes (bovina, suína, de frango, dentre outras) nas vendas ao consumidor final. Para os frigoríficos, o imposto será de 7%, patamar que vigia até 2009.

A Secretaria da Fazenda informou que o fim da isenção está fundamentado em estudos que "indicaram a necessidade de modular a desoneração tributária com foco na manutenção do emprego, estímulo à atividade econômica e sustentação da arrecadação". O processo de revisão dos benefícios, acrescentou a secretaria, se deve à "grave crise econômica" do país.

Segundo a Fazenda paulista, a revisão do ICMS das carnes terá efeito "neutro" para a cadeia produtiva. "O ajuste mantém um patamar reduzido de tributação, entre os menores praticados no país, e é neutro em relação à cadeia produtiva, visando preservar os empregos na indústria", informou a secretaria, em nota.

De fato, os frigoríficos não serão afetados pela medida, disse Honório. Segundo ele, o decreto que extinguiu a isenção do ICMS para as carnes também estabeleceu crédito outorgado dos mesmos 7%. Na prática, as indústrias não pagarão o imposto.

Em contrapartida, o varejo – e, consequentemente, os consumidores –, não ficarão imunes. Como a alíquota dos supermercados é 11% – ante 7% das indústrias –, o aumento mínimo do preço das carnes para os supermercados repassarem a alta de impostos seria de 4%, segundo o vice-presidente do Sinafresp. Mas os produtos terão seu valor majorado em 4% apenas se o preço de venda for equivalente ao valor da aquisição das carnes junto às indústrias.

Como as varejistas embutem suas margens nos preços, o aumento das carnes tende a ser maior. Por outro lado, os supermercados podem não conseguir repassar integralmente a alta do ICMS devido à crise ou em razão da concorrência, ponderou Honório.

O gerente de economia e pesquisa da Associação Paulista de Supermercados (Apas), Rodrigo Mariano disse que o reajuste dos preços das carnes tende a ficar entre 6% e 7%, ressaltando que esse ajuste ficará em linha com a inflação de alimentos esperada para 2017.

Acrimat expresó su queja por un incremento en la alícuota de ICMS en Mato Grosso

18/01/17 - por Equipe BeefPoint A Associação dos Criadores de Mato Grosso (Acrimat) apresentou à Secretaria do Estado de Fazenda (SEFAZ) um ofício que pede a revogação do decreto que altera a alíquota de 7% para 12% de ICMS para saídas interestaduais de gado bovino em pé. O aumento de 71% no imposto foi publicado no decreto 777/2016, no último dia 28 de dezembro.

Para a entidade, a medida representa forte intervenção governamental na comercialização de gado no Estado. Segundo o presidente da Acrimat, Marco Túlio Duarte Soares, é fundamental que o governo reavalie e revogue o decreto.

"O aumento dificulta a exportação de animais em pé para outros Estados e prejudica a competitividade da comercialização. A manutenção da alíquota possibilita aos pecuaristas, principalmente das regiões Sul e Leste de Mato Grosso, melhores condições na negociação de sua produção".

Em 2015 saíram de Mato Grosso 202 mil cabeças de gado para abate e outras 372 mil para engorda, segundo dados do Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso (INDEA).

Brasil redujo sus importaciones de carnes bovinas en 2016 por caída de la demanda

Fonte: Folha de São Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.17/01/17 - por Equipe BeefPoint
Assim como as exportações de carnes em 2016 perderam ritmo, as importações também caíram. Pressão da moeda norte-americana e renda menor dos consumidores brasileiros inibiram as compras externas.

A importação brasileira caiu para 61 mil toneladas em 2016, com gastos de US\$ 304 milhões. Há dois anos, o país importava 75 mil toneladas, com gastos de US\$ 476 milhões, aponta a Secex (Secretaria de Comércio Exterior).

A maior abertura do mercado brasileiro é para carnes bovinas desossadas frescas, refrigeradas ou congeladas. Os principais países fornecedores são os vizinhos Paraguai, Argentina e Uruguai. A Austrália também está na lista, com o fornecimento de fígado bovino.



Registro de productos de origen animal fue sistematizado

18/01/17 Estimativa do Dipoa é de que 80% dos pedidos serão dispensados de análise prévia O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) está desburocratizando o registro dos produtos de origem animal (nacionais e importados) submetidos ao Departamento de Inspeção de produtos de Origem Animal (Dipoa) . A Instrução Normativa nº 1, publicada no Diário Oficial da União desta quarta-feira (18), traz alterações nos procedimentos de registro. O sistema de inclusão de pedido de registro atualmente utilizado foi desativado e já está em funcionamento o novo sistema. Para utilizar o novo sistema acesse <http://sistemasweb.agricultura.gov.br/pages/PGA-SIGSIF.html> e solicite seu cadastro.

As indústrias estrangeiras habilitadas a exportar para o Brasil também deverão obedecer as novas regras. Os produtos que não possuem regulamentação continuarão a ser submetidos à análise prévia do Dipoa para registro. Com as novas normas os produtos que possuem regulamentação terão seus registros aprovados mediante lançamento das informações exigidas no sistema . Com essa alteração, a previsão é que 80% dos produtos não precisarão passar por análise prévia do Dipoa. Os registros concedidos serão constantemente auditados pelo Dipoa para garantir que os produtos e rótulos aprovados sigam as regras determinadas pelo departamento.

A alteração, que faz parte do Programa Agro+, lançado pelo ministro Blairo Maggi, dá continuidade ao processo de desburocratização e de otimização dos serviços prestados pelo Mapa. Segundo o secretário de Defesa Agropecuária, Luis Rangel, "a melhoria dos processos é uma das prioridades da secretaria para otimizar recursos e, ao mesmo tempo, oferecer serviços de qualidade à população brasileira".

Segundo o diretor do Dipoa, José Luis Vargas, com a revisão de fluxos e a automatização dos processos, os produtos serão registrados em menos tempo, e a secretaria terá maior controle e melhor gestão de todo o processo.

Mato Grosso: retención de vientres provocó un incremento en su rodeo bovino

19/01/17 - por Equipe BeefPoint Mato Grosso encerrou 2016 com um rebanho bovino e bubalino de 30.230.624 cabeças, um incremento de 970.794 animais em comparação a contabilização em 2015. O aumento é decorrente a retenção de fêmeas, comprovado pelo recuo de 53.200 vacas enviadas a menos para o abate.

O volume do rebanho bovino e bubalino mato-grossense consta no relatório de vacinação contra a febre aftosa da etapa de novembro. Em 2016, a vacinação contra a febre aftosa atingiu 99,62% do rebanho. Desde 2005 as duas etapas de imunização têm alcançado índices acima de 99%.

Os números foram apresentados pelo Instituto de Defesa Agropecuária de Mato Grosso (Indea) nesta quarta-feira, 18 de janeiro.

De acordo com os números apresentados, foram abatidos em Mato Grosso 4.785.230 animais. O volume supera em 84.707 cabeças o total de animais encaminhados para a indústria frigorífica mato-grossense em 2015 de 4.700.523 cabeças. Segundo o Indea, foram enviados aos frigoríficos 1.862.192 cabeças de fêmeas e 2.923.038 de machos em 2016. Já em 2015 haviam sido 2.785.111 machos e 1.915.412 fêmeas.

TURQUÍA fue el principal comprador de ganado en pie en 2017: 158,7 mil cabezas

19 de janeiro de 2017 - Ampliar foto Brasil amplia exportação de gado vivo

De janeiro a dezembro de 2016 foram exportadas 282,3 mil cabeças de bovinos vivos pelo Brasil, 36,1% mais que em 2015, segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Deste total, 158,7 mil cabeças foram enviadas para a Turquia, o que corresponde a 56,2% de todos os animais exportados pelo país. A Turquia foi a maior compradora de bovinos vivos no ano passado.

No mês de dezembro, o Brasil exportou 23,4 mil cabeças de bovino vivo, com faturamento total de US\$19,2 milhões. Na comparação com o mesmo período de 2015, houve aumento de 56,6% no volume de animais embarcados. Do total, 15,7 mil animais foram comprados pela Turquia.

Além da Turquia, em dezembro os animais foram enviados para Líbano e Egito, que foram o segundo e terceiro maiores compradores do Brasil em 2016.

URUGUAY

Pulseada con ajuste de valores por las haciendas

Enero 20, 2017 El precio por los novillos ronda los US\$ 2,90 por kilo carcasa con máximos de US\$ 2,95 Por Blasina y Asociados, especial para El Observador

Se vivió una semana de puja en el mercado. Dentro de lo acostumbrado entre la oferta y demanda, sobre el fin de la semana pasada la industria comenzó a ofertar algún valor por debajo de lo que había pagado a



fin de año y en la primera semana de enero. Los productores con buena disponibilidad forrajera no tienen apuro en vender.

Venimos de un mercado que recuperó los valores de principio de diciembre, cuando comenzó una oferta importante que fue absorbida por la demanda, con faenas mayores a 50.000 cabezas, que provocó una caída de los precios.

Luego de fines de diciembre hasta la primera semana de enero la actividad se redujo y la gente que no había vendido se retrajo, ayudada por el clima, lo cual llevó a una recuperación de los valores. Recién en esta semana se empieza a retomar la actividad con normalidad y se está viendo la realidad del mercado, con una pulseada por los precios.

El precio por los novillos se mueve en el eje de US\$ 2,90 por kilo carcasa, con máximos de US\$ 2,95 para los de punta. Las vacas, US\$ 2,60 por kilo a US\$ 2,65 por las pesadas y las de carcasa de 230 kilos logran algún centavo más. Las entradas están dispares, algunas cortas de una semana a 10 días y otras más de dos semanas.

La Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) hizo referencia a que un aumento de la oferta y la faena lleva a un ajuste de los valores. El novillo cotizó a US\$ 2,95, tres centavos menos que la semana anterior; la vaca subió dos centavos a US\$ 2,65; la vaca especial la bajó seis centavos a US\$ 2,70; y la vaquillona perdió cuatro centavos hasta US\$ 2,82.

Respecto al nuevo decreto de dressing, se viene notando un incremento en el rendimiento del ganado, pero todavía es muy prematuro para marcar una tendencia, no se ha visto un cambio de la modalidad comercial. No es claro si el ajuste de precio propuesto por la industria es para promediar las compras o para compensar la mayor cantidad de kilos que tiene la canal, a partir de este año.

El mercado de la reposición está firme, muy demandado, con buenos valores, la relación flaco/gordo favorable a la cría y la exportación en pie traccionando el mercado.

La oferta está pretenciosa y se dificulta cerrar los negocios por la diferencia de precios entre las puntas.

La faena de vacunos tuvo un incremento semanal de 22% y es 10% mayor en la comparación interanual. Alcanzó a 44.238 cabezas. El avance mayor correspondió a los novillos que llegaron a 19.653 cabezas, 27 % y 16% más en la comparación semanal e interanual. La faena de vacas trepó a 23.496 cabezas, 16% más entre semanas y 6% por encima en la comparación interanual. Alcanzan a representar el 53,1% de la faena y por cuarta semana siguen por arriba del 50% del total faenado.

El precio de exportación de la carne bovina alcanzó a US\$ 3.457 la tonelada, una caída de 4,2% en la comparación semanal, y de 11% interanual. El precio acumulado al 14 de enero es US\$ 3.381, con un retroceso de 5,1% interanual, cuando alcanzaba a US\$ 3.562.

El precio de la hacienda retomó los valores de inicios de diciembre, la semana pasada alcanzó un punto de equilibrio, que se mantiene en esta.

La tendencia de aquí en adelante la marcará el incremento de la oferta y el clima, ya que la demanda está porque las cuadrillas kosher estarán trabajando hasta marzo.

Nuevo dressing aviva discusión en torno de los precios los ganados a faena

Un consignatario afirmó que le bajaron el valor de vacas por esa razón

Enero 17, 2017 Mercado de haciendas sigue tensionado, ahora con inicio del nuevo dressing. Un frigorífico compró un camión de vacas a US\$ 2,65 el kilo en cuarta balanza y luego de la faena le comunicó al consignatario que lo liquidaba a US\$ 2,60 en función de los sobrerrendimientos que tienen ahora los ganados desde la aplicación del nuevo decreto que establece límites máximos en la operativa del dressing (limpieza de la res), destacó a El Observador Alejandro Dutra, de la firma Daniel Dutra SA. Esto quiere decir que el ajuste del dressing no significa una solución como se le ha destacado, porque en realidad el mayor rendimiento de los ganados ahora los frigoríficos lo estarían ajustando vía precios, consideró el consignatario.

Esta situación es uno de los ejemplos que se están presentando a raíz de la nueva normativa que desde el 1º de enero pasado regula ese aspecto de las faenas dentro de un mercado libre. En momentos en que está repuntando el precio del ganado, se hace difícil afirmarse en los US\$ 3 el kilo a la carne para los novillos, dijeron otros operadores.

Porcentaje de dressing

El representante de la Federación Rural ante el Instituto Nacional de Carnes INAC), Guillermo Villa, destacó que el porcentaje de dressing debería bajar entre 2 y 3 puntos, que llevado al rendimiento industrial significaría mejorar alrededor de 1,5%. Las estimaciones previas daban que al no poder extraer la entraña fina de los animales y nada de carne, o sea solamente grasa, la diferencia sería de 6 a 8 kilos de los 24 kilos que se sacaban. O sea que el dressing debería bajar alrededor de 3 puntos, que llevado a rendimiento del animal significa una diferencia de 1,5% más de kilos.

En la primer semana los resultados estuvieron por debajo de los porcentajes citados (alrededor de 1%), lo que puede ser el resultado de los primeros días donde se están ajustando los mecanismos para hacerlo



en las industrias, como también INAC para controlarlo, dijo Villa al programa Tiempo de Cambio de radio Rural.

En general, los productores percibían que la operación de dressing no era uniforme en todas las plantas y eso genera incertidumbre, por lo que es favorable la nueva normativa porque apunta a uniformizar el trabajo en todos los frigoríficos, aseguró a El Observador el presidente de la Asociación Rural del Uruguay (ARU), Pablo Zerbino.

La mejora del rendimiento en un punto porcentual alcanzado en la primera semana de este año –al 7 de enero pasado–, como consecuencia del menor porcentaje de dressing de alrededor de 1%, significa una clara repercusión económica a favor del productor.

"Este negocio es por plata y todo lo que repercuta directamente en un mecanismo objetivo va a traer tranquilidad para todos, principalmente mirando hacia adelante con vistas a lo que será la instalación de los escáner que permitirán implementar la tipificación automática", dijo Zerbino.

Procuran establecer si existe colusión

La ARU sigue trabajando con vistas a plantear si es que los corrales de engorde de la industria, ya sean con animales propios o no, generan la posibilidad de utilizarlos cuando baja la oferta y de esa manera hacer un colchón en el precio que pueda afectar a los productores, destacó el presidente de la gremial, Pablo Zerbino. Explicó que se procura establecer si existe colusión y para ello están trabajando los técnicos de la gremial ruralista.

INAC consideró normal el comienzo del nuevo dressing

Enero 18, 2017 También se abordó la importancia de concurrir a una feria de Japón

El Instituto Nacional de Carnes (INAC) consideró que el decreto sobre el dressing (limpieza de la res) se está cumpliendo de acuerdo a lo previsto en las plantas frigoríficas que controla el instituto, en tanto que la información generada en la primera semana del año es muy reducida como para evaluar y carece de valor estadístico, aseguró a El Observador una fuente de INAC.

Por otra parte, un tema que fue motivo de "conversación informal" fue las declaraciones del consignatario Alejandro Dutra, quien denunció que un frigorífico a quién le había colocado un camión de vacas a un precio acordado de US\$ 2,65 el kilo en cuarta balanza, luego le reliquidaron a US\$ 2,60 por el sobre rendimiento a raíz del nuevo decreto sobre dressing.

La fuente indicó que de haberse mencionado el nombre del frigorífico, INAC hubiera procedido a efectuar una inspección para establecer los detalles de la situación planteada. Precisamente sobre este tema el presidente de la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG), Carlos de Freitas, dijo ayer que tiene que haber sido "un problema de comunicación", porque le resultaba difícil de comprender la situación, según declaró al programa Tiempo de Cambio de radio Rural. Dutra planteó también este tema en la reunión semanal de la ACG realizada el lunes pasado.

INAC abordó también la importancia de estar presente en la feria Foodex de la alimentación en Japón en marzo próximo en Tokio, al valorar que se espera que la habilitación de ese mercado para Uruguay se concrete en breve. Se entiende que es un mercado que adquiere relevancia para la colocación de cortes de alto valor, en momentos que se analiza el futuro de la Cuota 481 de Europa.

Reilly a INAC

Por otra parte, la Asociación Rural del Uruguay decidió designar a Ricardo Reilly como delegado ante INAC, para ocupar el lugar de Gabriel Capurro. Se espera la firma del ministro de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP), Tabaré Aguerre, para que Reilly ocupe esa función.

Fucrea: "Aumento de rendimiento del ganado se contrapone a la baja de precios de frigoríficos"

18/01/2017 - El coordinador de la Federación Uruguaya de los grupos Crea (Fucrea), Diego Sotelo, habló, en Valor Agregado en Carve, sobre el rendimiento del ganado como resultado de la nueva implementación del dressing máximo de faena, que comenzó a partir del 2 de enero, por parte del Instituto Nacional de Carnes (INAC) y la comercialización del ganado en tercera balanza

Sotelo señaló que sería importante que los resultados que se concreten con la nueva operativa impuesta por INAC se trasladen con un ingreso adicional en la economía del productor, también teniendo en cuenta que los precios, las políticas públicas e impositivas afectan en el resultado esperado.

Comparó el rendimiento del ganado en la primera semana del año con los datos históricos de dressing, y explicó que durante 2017 el rendimiento del ganado aumentó a 53,9%, un punto más.

A modo de ejemplo, el coordinador de Fucrea ilustró que "para un novillo de 500 kilos con un rinde de 54% (en números redondos), hablamos de 5 kilos más de carne. Y si el novillo cotiza US\$ 3, el impacto económico a favor del productor es de US\$ 15 más por cabeza". Sin embargo, Sotelo expresó que estos cálculos se contraponen con las informaciones surgidas en las últimas horas donde una planta frigorífica bajó el precio negociado por sobrerendimiento.

Tras ser consultado si la comercialización del ganado en tercera balanza da por finalizada las discusiones, Sotelo dijo que es un tema que debe ser muy bien discutido en la Junta de INAC, ya que cuenta con los



representantes de todas las partes. De todos modos, aseguró que el Instituto tiene que ser quien marque el rumbo de cómo se debe comercializar ganado.

Ganados de feedlots con rendimientos dispares entre plantas frigoríficas

19/01/2017 Tanto Tabaré Aguerre (MGAP) como Federico Stanham (INAC), "se han adelantado en transmitir un mensaje que lo mejor es terminar todas las comercializaciones en tercera balanza".

"Nosotros vendemos ganados asiduamente todas las semanas y hemos empezado a ver cómo se comporta este nuevo régimen de dressing máximo (...) y no en todas las plantas los rendimientos se comportan igual", comentó el director de la Asociación Uruguaya de Productores de Carne Intensiva Natural (AUPCIN). Álvaro Ferrés comentó, en Valor Agregado en Carve, que han observado una diferencia de kilos de carne entre tercera y cuarta balanza. Explicó que anteriormente a la implementación del decreto se retiraba un aproximado de 30 kilos entre balanzas, pero ahora "hay frigoríficos que nos dan 24 kilos y otros 28 o 29 kilos".

Los animales producidos para la cuota 481 tienen "una terminación bastante uniforme, pero en las industrias no hemos visto que se haya estandarizado el proceso de dressing, por lo menos algunos frigoríficos entienden una cosa y otros otra". Ferrés dijo que esta situación está sucediendo porque "como es algo nuevo hay plantas que ven cómo se adaptan y no quieren bajar tantos kilos de carne de cada carcasa".

El productor señaló que la diferenciación de rendimientos entre industrias "llama la atención porque no puedo creer que haya plantas que interpreten cosas diferentes cuando el negocio es el mismo". Ferrés aseguró que "es obvio que hay un valor que quieren defender" porque cuando se bajan esos cortes "tienen un valor y al dejarlo en la carcasa otro".

Es por todo lo anterior, que hay plantas que están modificando los precios del ganado por entienden que la implementación del dressing "atenta contra su negocio". Agregó que no se trata de un caso puntual, sino que "todo el mundo está empezando a tener las consecuencias de esta experiencia".

Por último, el director de la AUPCIN dijo que tanto el ministro Tabaré Aguerre como el presidente de INAC, Federico Stanham, "han tenido un paso importante en esclarecer el proceso de dressing y se han adelantado en transmitir un mensaje que lo mejor es terminar todas las comercializaciones en tercera balanza".

Novillo Tipo cerró el 2016 en mínimos desde el 2011

18 de enero de 2017 El cierre anual valor de venta de todos los productos d del novillo tipo (NT) (480 kg, rendimiento 54% en cuarta balanza, razas británicas y sus cruzas) alcanzó US\$ 1.103/ cabeza, comunicó INAC. Una caída interanual de 6,6%, es el menor valor desde el 2011 en que cotizaba a US\$ 1.203. El valor anual cae por segundo año consecutivo.

El valor de venta en diciembre del NT, aumentó 1,3% respecto a noviembre, hasta US\$ 1.097 por cabeza. Tuvo un descenso respecto a diciembre de 2015, que alcanzó al 4,4%.

El incremento en el valor del novillo tipo se explica por un aumento en el valor de los cortes de exportación, compensado por una disminución de los valores de la canal al mercado interno, de las menudencias y subproductos, y del precio del cuero fresco, todos ellos medidos en dólares corrientes.

En el mes de diciembre, el valor agregado por la operación industrial VAI (que incluye costos y beneficios) aumentó US\$ 32 /cabeza, en relación al mes anterior un 11%, ubicándose en US\$ 318 /cabeza. Avanzó 4% en la comparación interanual.

El valor de la hacienda tuvo un retroceso mensual de 2,3% hasta US\$ 779/cab, nivel que se ubicó 7,3% abajo en la comparación interanual.

La participación porcentual anual el VAI tuvo un progreso de 2%, alcanzando al 27% del valor del NT, la hacienda retrocedió dos puntos hasta representar el 73% del valor, una caída de 7% desde el mayor valor de la serie en 2012 que alcanzó a ser el 80%.

Valor en pesos

El NT equivalió a \$ 31.520 el mes pasado, teniendo en cuenta una cotización promedio de \$ 28,73 para el dólar. Dicho nivel marcó un incremento de 1,6% respecto al NT de noviembre expresado en pesos, y marcó un retroceso interanual de 7,5%. El mayor valor de la serie en pesos se alcanzó en enero de 2016 cuando trepó a \$ 35.236.

Federación Rural mide falta de competencia a través de indicador

18 de enero de 2017 El año 2016 cerró con una exportación de 433 mil toneladas peso carcasa, este valor supera el 70% de la producción total de Uruguay. El ratio exportación/producción es muy superior al mismo ratio a nivel mundial que ronda el 17%

Esta relación indica la alta dependencia del precio de exportación en la formación de los precios internos, el instituto Nacional de Carnes INAC publica un indicador llamado Relación Hacienda Exportación (RHE).



El indicador de la Relación Hacienda Exportación es calculado a partir de promedios móviles (3 semanas) de los precios promedio de hacienda en USD/kg en 4ta balanza (ponderados) y el ingreso promedio de exportación de carne bovina en UDS/kg peso canal (ponderado).

En la gráfica se puede observar que existe una alta correlación entre el valor de la carne exportada y el valor del novillo gordo, con momentos que la industria pagó por encima del valor de exportación.

La Federación Rural publica un informe Indicador de Ganado Gordo utilizando la RHE como forma de manifestar la diferencia en el precio que recibe el productor, con el precio de exportación y la no competencia por parte de la industria.

Análisis del indicador

El precio que publica Inac no discrimina los novillos de corral, de los que provienen de campo, como los ganados de corral van a cuota 481 tienen un plus en el precio, el precio promedio publicado por Inac, está por encima del valor que reciben la mayoría de los productores. El indicador es un promedio de los últimos 11 años y la incidencia del ganado de corral es de los últimos tres o cuatro años.

En cambio prácticamente, no hay vacas encerradas, por lo que puede considerarse un valor genuino, es un dato real. De los datos analizados por la Federación, hace casi tres años que el valor teórico, está por debajo del indicador, salvo algunos meses puntuales. Por lo tanto, según Guillermo Vila representante en la Junta de Inac de la Federación Rural, la industria está haciendo un margen importante por la diferencia.

El precio promedio exportación de la primer semana de enero alcanzó a US\$ 3,38 /Kg.

En el caso del novillo el precio INAC alcanza a US\$ 3,06 /Kg la diferencia US\$ 0,06 menos, porque el Indicador promedia 0,923, el precio del novillo con la referencia de la RHE, debería ser US\$ 3,12 U\$S/Kg

En el caso de la vaca la diferencia es mayor US\$ 0,22 menos por kilo, precio Inac US\$ 2,61, con la relación hacienda exportación 0,836, el precio teórico alcanzaría para pagar US\$ 2,83 / kg.

Guillermo Vila, dijo en el programa Tiempo de Cambio de Radio Rural, “en el momento que falta ganado, donde históricamente se daban los picos de suba el precio sube una o dos semanas y viene un vertiginoso y el ganado baja todo diez a quince centavos y todas las industrias monóliticamente ofertan el mismo precio”, dijo Guillermo Vila representante en la Junta de Inac de la Federación Rural al programa Tiempo de Cambio de Radio Rural.

Por último, consideró que es una falta a la ley de competitividad y que el estado debe controlarlo, para que la situación cambie.

Preparan la primera misión exploratoria de Japón en 17 años Frigoríficos e INAC estarán presentes en Foodex 2017

17/01/2017 El sector cárnico uruguayo comenzará a incrementar sus sondeos en el mercado japonés a partir de marzo, buscando retomar la corriente comercial con los importadores nipones en el marco de la feria Foodex 2017.

Si bien el mercado todavía no está abierto para la carne vacuna uruguaya desosada y madurada —las exportaciones se cortaron en el 2.000 cuando Uruguay sufrió la primer epidemia de aftosa y ahí colocaba carne con hueso—, el trámite sanitario está muy avanzado y se espera que se confirme la habilitación a partir del primer semestre del año en curso.

Foodex Tokio es el tercer evento mundial de importancia en el marco del segmento de la alimentación, pero se ha transformado en el principal del continente asiático y la cuenca del Pacífico, con 77.000 visitantes. Uruguay será el segundo año que participa y el primero para la cadena cárnica.

La industria uruguaya deberá entrar ahora con una mercadería totalmente diferente a la que exportaba antes y los frigoríficos tendrán que irse armando el mercado y pelear contra un arancel muy elevado. La feria Foodex Tokio se realizará del 7 al 10 de marzo. Será la primera misión exploratoria del mercado japonés en 17 años para los frigoríficos uruguayos, apoyados por el Instituto Nacional de Carnes (INAC), según confirmó el presidente del organismo al cierre de 2016, en rueda de prensa.

En paralelo, las carnes uruguayas y las empresas frigoríficas seguirán marcando su presencia en ferias clave como la de Rusia, Sial China, Sial París y Anuga; esos eventos representan la oportunidad para tomarle el pulso al mercado y tener de primera mano el contacto con los clientes.

Según la estrategia definida por el Comité Consultivo en Marketing del INAC, donde también está el sector privado, también se hace un trabajo de promoción al sureste de China, en una zona costera de poder adquisitivo alto; es una alianza con una empresa que atiende gastronomía y hotelería. La meta es destacar el producto uruguayo con imágenes buscando a nivel de consumidor final que esté destacado. En los últimos años China es el principal comprador en volumen de carne vacuna. En el norte de Italia en una cadena de parrillas y grills y en Alemania, se mantuvo un trabajo similar.

Faena de vacas lecheras en 2016 fue la segunda mayor de los últimos seis años

16 de enero de 2017



En 2016 se faenaron 69.183 vacas lecheras -el segundo mayor volumen anual desde 2010- con un descenso de apenas 1% respecto al año anterior. Fue en 2015 cuando se tocó un récord en las vacas lecheras que fueron a faena con 70.126 animales. Los datos fueron proporcionados a Conexión Agropecuaria por el Instituto Nacional de Carnes (INAC).

La participación de vacas en el total de ganado lechero enviado a plantas frigoríficas fue el máximo de la serie desde 2010. Representó 65% de los 106.565 animales lecheros faenados.

En diciembre fueron descartadas 5.855 vacas, 24% menos que en mismo mes de 2015 (7.673 animales).

La faena de vacas lecheras en doce meses móviles muestra una tendencia a la baja a partir de un pico alcanzado en marzo.

PARAGUAY

Carne: llegó el informe final de auditoría de UE con resultados satisfactorios

19 de Enero de 2017 Con resultado satisfactorio llegó el informe final de la auditoría realizada por la Unión Europea (UE) al sistema de producción de carne de nuestro país, que se desarrolló entre el 18 y el 30 de noviembre de 2015 al Paraguay, informó el titular del Senacsa, Dr. Hugo Idoyaga.

El control fue para evaluar el funcionamiento de los controles oficiales del Senacsa sobre la producción de carne fresca de bovino para la exportación con destino a la Unión Europea, así como los procedimientos de certificación, explicó Idoyaga.

Añadió que el documento incluye las aclaraciones a la auditoría de hace más de un año. Los trabajos fueron realizados en frigoríficos, establecimientos ganaderos y oficinas del Senacsa.

Destacó que los técnicos de la UE, André Evers y Wolodíia Zbiniewicz habían realizado dos observaciones, cuyas respuestas llegaron ayer.

Menos carne irá a Israel

14 de enero de 2017 Paraguay exportará menor cantidad de carne a Israel durante 2017, porque cuatro de las cinco industrias habilitadas para dicho mercado no concretaron envíos para casi dos meses del inicio del año, informó ayer el vicepresidente de la Cámara Paraguaya de Carnes, Lic. Juan Carlos Pettengill.

Explicó que los compradores de Israel conversaron con los representantes de las industrias frigoríficas y solicitaron descuentos de entre 8% y 10%, y considerando el aumento del precio del ganado en Paraguay, decidieron no cerrar negocios con el cuarto mejor comprador de la carne paraguaya, considerando las divisas, aunque en volumen es el quinto, según las estadísticas del Senacsa.

Pettengill indicó que Paraguay exportó durante el 2016 unas 16.000 toneladas de carne y casi 2.000 toneladas de menudencias a ese mercado, representando el 8% de las exportaciones totales.

El dirigente empresarial explicó que actualmente el precio del novillo de exportación en Paraguay está en US\$ 3,1 dólares por kilogramo, que supera tanto a Uruguay, con US\$ 2,9 por kilogramo y también a Brasil, donde el novillo se cotiza en US\$ 2,88 por kilogramo.

Dijo que Uruguay y Brasil tienen ventajas de tener actualmente el ganado más barato y además a Paraguay le cuesta por lo menos US\$ 40 por toneladas más llegar hasta los puertos de ultramar.

19/01/17 - por Equipe BeefPoint

Paraguai cresce como potência exportadora de carne bovina

Share via Facebook Share via Twitter Share via LinkedIn Share via Google Share via Pinterest

O Paraguai se converteu na última década no sexto exportador de carne bovina do mundo, superando países de referência na região como Argentina e Uruguai, ainda que não o Brasil, que está em primeiro lugar somente em outubro exportou US\$ 449 milhões. Além do Brasil, o Paraguai compete pelos mercados internacionais com potências pecuárias como Austrália, Índia, Estados Unidos e Nova Zelândia.

O presidente da Câmara Paraguaia de Carne, Korni Pauls, celebrou no brinde do final do ano o “exitoso” curso de 2016 para os frigoríficos. Apesar de ter sofrido o foco de febre aftosa em 2008, que deixou incertezas aos produtores e afetou muitas relações comerciais internacionais, o setor está crescendo outra vez.

O Paraguai tem 14,2 milhões de cabeças de gado, pouco mais que o dobro que o número de habitantes do país, e o investimento dos grandes produtores nos últimos 30 anos em melhorar a genética das raças muito adaptáveis converteu o país em um atrativo para outros países que devem repor ou melhorar seu rebanho bovino.



Foi assim que o Paraguai colocou vacas para voar. Colocou em oito aviões quase 2.000 cabeças de gado com destino ao Equador, país que está iniciando no mercado exportador após a declaração de país livre de aftosa em 2015. Nunca antes tinha sido realizado um transporte aéreo com um volume semelhante: 500 touros e 1906 vacas. Umas 680 toneladas dos animais mais finos das quatro raças mais prestigiosas do Paraguai: Braford, Brangus, Brahman e Nelore. O objetivo? Ajudar a renovar a genética bovinos do país.

Os produtores receberam US\$ 800 por cada vaca exportada e até US\$ 15.000 por cada exemplar de touro reprodutor. Uma operação de US\$ 6 milhões no total, segundo o representante do Ministério de Agricultura e Pecuária paraguaio, Omar Sosa. Em contrapartida, o Equador encontrou no Paraguai o gado que melhor se adapta a seu clima e solo: "ao calor, à umidade, à abundância de insetos, às secas e inundações". A atenção que despertou a operação comercial fez com que o nome do Paraguai percorresse o mundo, com menções em vários meios de informação internacionais. Para Sosa, isso foi uma publicidade gratuita, que poderia ter custado US\$ 30 milhões: "posicionou o Paraguai no mundo. É um valor indireto".

"Foi muito importante, porque pudemos demonstrar que não somente exportamos carne, mas sim, que estamos começando a exportar genética, que é o valor agregado", disse o presidente da Comissão de Carne da Associação Rural do Paraguai (ARP), Carlos Pedretti.

Ele disse que, nos últimos 12 anos, o Paraguai passou de exportar 186.000 toneladas e carne, que rendiam US\$ 124 milhões, para 397.000 toneladas, por US\$ 1,275 bilhão. O país já exporta à União Europeia (UE), Egito, Colômbia, Rússia, Taiwan e Brasil e busca novos mercados, como Cuba ou Dubai. "A genética paraguaia se impôs. Envia-se sêmen e embriões e o Paraguai vem sendo conhecido no mundo como um fornecedor".

Fonte: El País, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoi

Iniciarán campaña antiaftosa

16 de enero de 2017 El próximo 23 del corriente mes arrancará el primer periodo de vacunación contra la fiebre aftosa del año 2017 y se extenderá hasta el 3 de marzo del corriente; los registros de la vacunación podrán ser realizados hasta el 17 de marzo del mismo año, según estableció el Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa) por medio de la resolución 4271/16.

La campaña de inmunización antiaftosa abarca todo el territorio nacional y corresponde a hacienda general de bovinos y bubalinos.

En el marco de los preparativos, el presidente del ente, Dr. Hugo Idoyaga, informó que días atrás se realizaron jornadas de actualización en el marco de la gestión del sistema de vacunación contra la fiebre Aftosa, que estuvo dirigido a coordinadores y subcoordinadores técnicos de las comisiones de salud animal, de las diferentes zonas.

Las estadísticas indican que la cantidad de bovinos registrados en el anterior periodo de vacunación contra la aftosa, por parte del Senacsa fue de 13.192.713 ejemplares, de 133.972 propietarios. Dicha cantidad representó unos 200.000 menos comparada con el número de animales inmunizados en el mismo periodo del año 2015.

UNIÓN EUROPEA

EEUU reabre la importación de carne bovina de FRANCIA

18 de enero de 2017 Luego de dos décadas de prohibición, EEUU levantó el embargo a las importaciones de carne bovina de Francia, que se mantenía desde la crisis del mal de las vacas locas en 1998, ha informado la Comisión Europea (CE) y reporta EuroEfe.

"Es una excelente noticia para los productores franceses, y la CE continuará trabajando para asegurar que, en un futuro próximo, todos los Estados miembros dispondrán del mismo acceso al mercado americano", afirmaron en una declaración conjunta los comisarios de Comercio, Cecilia Malmström; Seguridad Alimentaria, Vytenis Andriukaitis, y Agricultura, Phil Hogan.

EEUU ya habilitó a Irlanda, Lituania y Holanda para importar carnes y negocia la apertura de este mercado con otros trece países, la importación de carne de la UE hacia los EEUU está cerrada desde 1998, caprino debido a la crisis de la encefalopatía espongiforme bovina (ESB).

La Comisión Europea dijo que la carne de la UE es segura y que el nivel de seguridad alimentaria para los consumidores es alto, basado en estándares internacionales.



IRLANDA Identificó un caso de BSE atípico

19 January 2017 - The Department of Agriculture, Food and the Marine today confirmed that it has identified a case of 'Atypical BSE' in an 18 year old cow, through its surveillance of 'fallen' animals (died on farm) at knackeries.

The animal tested positive on a screening test carried out at a Department approved, accredited private laboratory over the weekend and was then subject to follow up confirmatory tests at the Department's Central Veterinary Research Laboratory.

There are no associated public health risks with this event – a comprehensive set of public health controls are in place and the animal in this case was excluded from the food chain and its carcase will be incinerated.

The disclosure of this case of Atypical BSE does not have any impact of Ireland's current OIE BSE 'controlled risk' status or trade status.

IRLANDA: Las exportaciones de carne y productos cárnicos superaron €3.500 millones

El ministro de Agricultura de Irlanda, Michael Creed anunció que este país ha exportado productos agroalimentarios a lo largo de 2016 por un valor un total de € 11.150 millones. Es el séptimo año consecutivo de crecimiento de las exportaciones irlandesas, de alimentos y bebidas, con un aumento del 2% y un crecimiento del 41% respecto a 2010 según informó Eurocarne.

Las exportaciones de carne de vacuno y subproductos, alcanzaron € 2.380 millones de euros, apenas un 1% menos que en 2015. La carne ovina creció 4% hasta € 240 millones y la de cerdo creció el 4% hasta € 615 millones de euros, la aviar se redujo en un 14% hasta € 275 millones de euros

En el caso de la carne de vacuno, se ha exportado mayor cantidad de carne que en 2015, un 5% más hasta las 535.000 toneladas, sin embargo los precios medios de venta retrocedieron 6%, por la competencia internacional.

Las exportaciones hacia el Reino Unido cayeron un 8%, por el tipo de cambio y la incertidumbre por el Brexit , pero se vieron compensadas con el crecimiento de mercados internacionales y emergentes, EEUU creció 23% a € 1.100 millones, China aumentó 35% a € 845 millones y el resto de Asia subió 6% a € 330 millones. También, gracias a la mejora de la situación económica, se ha observado una recuperación en las exportaciones a la UE, un 3% más hasta € 3.530 millones.

FRANCIA: En 2018 los frigoríficos contarán obligatoriamente con cámaras de televisión

La cámara de Diputados francesa aprobó la obligatoriedad a los frigoríficos del país se doten de cámaras a partir de 2018, para evitar el maltrato innecesario de los animales. Cuenta con el visto bueno del Gobierno, pero que tendrá que continuar su tramitación en el Senado de acuerdo a la información de la agencia EFE.

La medida se adopta para verificar el bienestar animal durante el sacrificio, mataderos tras los escándalos de crueldad animal que se han dado en los últimos años.

Las cámaras se instalarán en las zonas donde se manipulan los animales vivos, lo que incluye las áreas de alojamiento, inmovilización, aturdimiento y de sacrificio, así como un periodo de experimentación para evaluar las condiciones definitivas de aplicación.

"La finalidad exclusiva de esta instalación es la protección animal", según la voluntad manifestada en la enmienda de la que es autor el diputado socialista Olivier Falorni, que consideró que se trata de un proceso "irreversible".

La medida debe estar implementada el próximo 1 de enero de 2018 y el único propósito es el seguimiento del bienestar animal. Las imágenes se conservarán como máximo un mes y sólo las podrán revisar los servicios veterinarios y los responsables de garantizar el cumplimiento de las normas de tratamiento correcto del ganado. No se harán públicas, como habían exigido algunas de las asociaciones que habían estado en el centro del debate social en los últimos meses.

BREXIT

Theresa May propuso estrategia de desvinculación total de la UE

BRUSSELS, 17. Jan, "What I'm proposing cannot mean membership of the single market," Theresa May said. (Photo: Consilium)

British prime minister Theresa May outlined on Tuesday (18 January) a strategy leading to a so-called hard Brexit from the EU.

"What I'm proposing cannot mean membership of the single market," she said in a speech to ambassadors called Plan for Britain.



She explained that the UK could not accept the four freedoms of goods, capital, services and people attached to the single market

"Being out of the EU but a member of the single market would mean complying with the EU's rules and regulations that implement those freedoms, without having a vote on what those rules and regulations are," she pointed out.

She insisted that the message from British voters was clear: "Brexit must mean control of the number of people who come to Britain from Europe. And that is what we will deliver."

May added that a post-Brexit UK could not accept the jurisdiction of the European Court of Justice.

"We will not have truly left the European Union if we are not in control of our own laws," she said, adding that "leaving the European Union will mean that our laws will be made in Westminster, Edinburgh, Cardiff and Belfast".

No new Norway

Faced with a risk of another independence referendum in Scotland and difficulties to continue implementing the peace agreement in Northern Ireland, the British prime minister tried to reassure the different parts of the UK.

She insisted that the devolved administrations "should be fully engaged" in the Brexit process and that she would work with the administrations in Scotland, Wales and Northern Ireland.

She said she would work to find "a practical solution that allows the maintenance of the common travel area" between the UK and the Republic of Ireland.

"Nobody wants to return to the borders of the past," she said.

To replace Britain's EU and single market membership, May said she would seek "the greatest possible access" to the single market through a "new, comprehensive, bold and ambitious free trade agreement".

She said that, in her view, the deal could build upon some elements of the single market membership, because "it makes no sense to start again from scratch when Britain and the remaining member states have adhered to the same rules for so many years".

However, she warned that "the days of Britain making vast contributions to the European Union every year will end", suggesting she ruled out the so-called Norwegian model of access to the single market.

She also warned that a "punitive deal that punishes Britain and discourages other countries from taking the same path" would be "calamitous self-harm" for the remaining EU countries.

"Britain would not, indeed we could not, accept such an approach," she said, adding that "no deal for Britain is better than a bad deal for Britain."

She said however that she was "confident that a positive agreement can be reached".

A day after the US president-elect expressed support for Brexit and said that other countries would leave the EU, the British PM insisted that Brexit was "no attempt to do harm to the EU itself or to any of its remaining member states".

"We will continue to be reliable partners, willing allies and close friends," she said, adding that "Britain's unique intelligence capabilities will continue to help to keep people in Europe safe from terrorism".

'Come together' plea

May's speech was the most expansive view of what her government's strategy will be when it triggers article 50 - the EU treaty clause to start exit talks - before the end of March.

It comes two weeks after Britain's EU ambassador quit and criticised the government's lack of strategy.

But May said she would not be "pressured into saying more than I believe it is in our national interest to say" and that "every stray word and every hyped up media report is going to make it harder for us to get the right deal for Britain".

The speech also comes as the High Court is expected to rule soon over whether the British parliament should vote before article 50 is triggered.

In a gesture to parliament, May said that both the House of Commons and the House of Lords would vote on the final Brexit deal before it comes into force.

She said after a "divisive" referendum the country must "come together".

"The victors have the responsibility to act magnanimously. The losers have the responsibility to respect the legitimacy of the outcome," she said.

Entidades agropecuarias preocupadas por el impacto de un tratado de libre comercio

18 January 2017 - In a major speech yesterday, UK Prime Minister Theresa May outlined some of the government's key priorities for negotiating the exit from the European Union, but UK farming organisations pointed out there was still considerable uncertainty about the future.

Ms May listed twelve priorities for Brexit, including objectives such as controlling immigration, control over British laws, protecting science and cooperating to fight crime. She also outlined that the UK would be seeking a free trade agreement with the EU, instead of remaining a member of the single market.



The National Farmers Union Council said in a statement after the speech that it has long called for clarity from government as to what the intended trading environment will be for Britain post-Brexit, as 72 per cent of agricultural exports go to the EU. However, the organisation highlighted concerns over the effects free trade agreements could have on farming.

"We hope the Prime Minister's ambition can be achieved, but as we know these kind of deals normally take years to conclude and do not cover all products," the NFU Council stated. "If a quick and comprehensive deal cannot be achieved it would be absolutely vital that there are appropriate phased arrangements to avoid a disruptive cliff-edge to allow Britain's farmers to adapt."

The NFU Council added that it is now seeking urgent talks with the government as to how a post-Brexit Britain could work for Britain's food production and for detailed commitments on a suitable transition period.

Leaving the single market has been described as a 'hard Brexit' in recent weeks. Ahead of Theresa May's speech the Farmers' Union of Wales called this approach, together with the Prime Minister's recent announcement that the UK would be seeking a free trade deal with New Zealand, as a 'perfect storm' for Welsh agriculture.

FUW President Glyn Roberts said: "The livestock producers which make up the vast majority of Welsh farmers are particularly reliant on exports to the continent, and we have made it clear since the referendum that full and unfettered access is essential to Wales."

Productores irlandeses colocan al BREXIT entre sus prioridades. Serían el sector más expuesto

18 January 2017 IRELAND - Addressing the 62nd Annual General Meeting of the Irish Farmers' Association in Dublin yesterday, IFA President Joe Healy said the biggest threat to Irish farming in half a century is the impact of the Brexit negotiations on farm incomes.

In 2017, Mr Healy said IFA will also be focussed on the review of the ANC and the opening of the CAP post-2020 negotiations, together with commodity prices and profitability in all sectors.

The IFA President also welcomed Damian McDonald, who takes over as Director General of the IFA at the close of today's AGM from Acting General Secretary Bryan Barry. Mr Healy said his appointment is part of the ongoing renewal of IFA.

Brexit

Mr Healy said with 40 per cent of our food exports going to the UK, no other member state and no other sector are as exposed in these negotiations. "Agriculture and food cannot become a battleground between Brussels and London. There are too many farm livelihoods and jobs at stake. Politics cannot be allowed override our fundamental economic interests."

He said farmers expect the Taoiseach and the Irish Government to use the strong relationship they have with both EU and UK leaders to influence a constructive approach to these difficult negotiations. "In Brussels, the Commissioner for Agriculture, Phil Hogan, must make the retention of free trade in agriculture and food products between the EU and UK a priority."

The IFA President stressed that politicians in Dublin and Brussels cannot ignore the ongoing impact of the sterling devaluation, and direct aid for the farmers and sectors affected must be on the agenda.

"Farmers have taken most of the pain resulting from the weakness of sterling. Beef farmers took a hit of €150m last year from this alone and mushroom growers saw their margins wiped out. These losses are a direct result of a political decision outside farmers' control and cannot be tolerated."

Mr Healy also warned politicians against any reduction in the CAP budget as a result of Brexit, saying if EU solidarity means anything, then the budget shortfall must be made good so that farmers are not hit with CAP cuts when the UK leaves.

Farm Incomes & Other Priorities

The IFA President said he had identified farm incomes and prices as his key priority when he was elected last April and that focus remains for 2017. He said co-ops must deliver a substantial price increase and reach at least 33 cent per litre ahead of the Spring peak. With cattle supplies forecast to increase by 100,000 head, Minister Creed must prioritise a strong live export trade.

IFA's campaign on the ANC review is up and running. Our priorities for this vital income support for farmers are:

Protection of all areas currently designated,

Reversal of cuts and restoration of funding to 2008 levels, and

Payment rates that reflect the natural handicap

IFA will be escalating our campaign through intensive lobbying of TDs and Senators in the coming months. With the opening of discussions on the next CAP, Joe Healy said the CAP post-2020 must work for Irish farmers. At the heart of the IFA campaign will be a strong CAP budget, with direct payments supporting active farmers, and a well-funded Rural Development Programme.

Following another very difficult year for grain growers, IFA has made a strong case for an aid package for tillage growers who suffered severe weather losses last harvest. Joe Healy called on Minister Creed to



immediately make available funding of €4m for these farmers as there is no excuse for any further delay on this decision.

Mr Healy said he had a strong message for both the banks and agencies dealing with distressed loans. We will not tolerate the 'vulture fund approach' of stripping assets, with no regard for the family farm.

IFA Renewal

Mr Healy said substantial progress has been made on the renewal of IFA. Under the chairmanship of Teddy Cashman, the Lucey Implementation Committee identified improvements covering the key issues of governance, transparency and IFA Income and Financing.

Mr Healy said he was delighted to introduce the new Director General, Damian McDonald who brings with him a strong reputation for successful management of organisations, both with Horse Sport Ireland and, previously, with Macra na Feirme. He has also worked with IFA, and has a great knowledge of the issues facing farming in Ireland today. He wished Damian McDonald well and assured him of Council's full support as he takes on this challenging role.

Concluding his address, Mr Healy said farmers need a strong IFA to fight for viable farm incomes. We achieved a lot for farmers in 2016. Together we can tackle the challenges of 2017 head on and deliver real results for farmers.

Exportadores británicos se familiarizan con exigencias para exportar a EE.UU.

TheCattleSite News Desk 18 January 2017 UK & US - A group of UK meat exporters received training on meeting US regulatory requirements for beef and lamb imports during a visit to Washington DC last week.

The delegation, organised by AHDB Beef & Lamb, Hybu Cig Cymru, Quality Meat Scotland, Livestock & Meat Commission Northern Ireland and the British Embassy in the US, marked a key step in preparing for the official inspection visit, which is expected to happen during 2017.

The training, which took place at a number of facilities, focused on helping delegates understand a number of areas of specific interest to UK exporters. These included Food Safety and Inspection Service (FSIS) inspection requirements, Port of Entry requirements, Shiga Toxin-Producing E. coli (STEC) testing requirements and procedures, along with increasing awareness of the US marketplace and typical challenges facing overseas importers.

AHDB Beef & Lamb Head of Global Supply Chain Development Dr Phil Hadley said: "The industry representatives found the visit very worthwhile and the preliminary training puts us in a good position to ensure that we are able to agree equivalence between UK and US regulatory requirements when the inspection visit takes place.

"The dynamic US market offers significant opportunities for UK beef and lamb at a time when it's particularly important for us to develop new markets alongside ensuring we maintain demand in existing markets."

ESTADOS UNIDOS

Promueven cortes alternativos en UZBEKISTAN

TheCattleSite News Desk 18 January 2017 - USMEF partnered with the Association of Uzbekistan Chefs to conduct an educational master class on US beef for Uzbekistan chefs and other foodservice professionals.

Funded by the Beef Checkoff Programme, the class was part of an ongoing effort to familiarize Uzbekistan with US beef and encourage restaurant owners and managers to include it on their menus.

An additional goal of this particular master class was to pave the way for US beef to select retailers in the capital city of Tashkent, explained Yuri Barutkin, USMEF representative in Russia and the surrounding region.

"Generally, Uzbekistan consumers are big meat eaters of beef, chicken and lamb," said Mr Barutkin. "However, most of the domestic beef is derived from dairy cattle produced in small backyard farms, so finding beef of sufficient quality and consistency is a challenge for Uzbekistan restaurants. While US ribeye is already a regular menu item at many Tashkent restaurants and has earned a solid reputation, the focus of this USMEF class was on alternative cuts of US beef."

USMEF used brisket, shoulder clod and top sirloin to demonstrate the value of alternative US beef cuts can deliver for family-style restaurants and their advantages compared to domestic Uzbek beef. One premium cut – striploin – was also presented to the class of about 60 chefs.

Chef Serge Fery from the five-star Astoria Hotel in St. Petersburg, led the Master Class. Fery is an alumnus of Texas Beef Council courses and knows a great deal about US beef.

The educational portion of the event was followed by a dinner organized by a US beef importer in the region. The dinner attracted local media attention and special guests included Pamela Spratlen, US Ambassador to Uzbekistan, and Elizabeth Leonardi, US agricultural attaché in Turkey.



Ambassador Spratlen addressed the audience and emphasized the importance of establishing a trade relationship between the US and Uzbekistan.

"We received a lot of questions about US beef production, about ways to use various cuts and about the availability of US beef suppliers serving Uzbekistan," said Mr Barutkin. "Uzbekistan remains a challenging market, but US beef is slowly making its way to the tables of many Tashkent restaurants. We hope that in 2017, with US beef prices being more competitive and with the Uzbekistan economy recovering from the economic turmoil of the past two years, we may see growth in sales of US beef, especially alternative cuts."

Trump nomina ex – Gobernador de Georgia como Secretario de Agricultura

By Reuters January 18, 2017 U.S. President-elect Donald Trump will name former Georgia Governor Sonny Perdue as his nominee for secretary of agriculture on Thursday, a senior transition official said on Wednesday.

Perdue, 70, served on Trump's agricultural advisory committee during his presidential campaign. His nomination, which must be confirmed by the Republican-led Senate, will complete Trump's proposed Cabinet just two days before he is sworn in as president on Friday.

During his time as governor, Perdue's key agricultural issues included water management and making changes to the tax code that were beneficial to farmers, said Jeffrey Harvey, legislative director for the Georgia Farm Bureau.

In 2007, with Georgia and other areas of the South hit by a severe drought, Perdue took steps to cut water usage in his state and at one point led a service outside the state capitol to pray for rain.

Perdue, a Republican, was elected to two terms as governor, serving from 2003 to 2011. Before that, he served in the state Senate representing a rural swath of the state about 100 miles (160 km) south of Atlanta. He switched political parties from Democratic to Republican in 1998 amid redistricting in the state and shifting demographics.

Like Trump, Perdue swept into office buoyed by rural white voters who had grown disenchanted with politics in a Southern state that like the country at large has seen its politics deeply divided between more conservative rural areas and more liberal urban ones.

Trump received strong support from the agricultural community as the farm economy slumped amid falling prices for key commodities such as corn and wheat.

After finishing his second term as governor, Perdue founded Perdue Partners, a global trading firm that consults and provides services for companies looking to export products. His cousin David Perdue, a fellow Republican, is serving his first term representing Georgia in the U.S. Senate. The nominee is not related to chicken magnate Frank Perdue.

Reacción positiva ante el nombramiento

By Dan Murphy January 20, 2017 | Finally, one of President-elect Donald Trump's Cabinet appointments can be celebrated.

Politics aside, even partisan observers would have to admit that a number of his other Cabinet nominees bring little or no previous experience with public-sector governance, a glaring hole in their résumés that no multi-billion dollar private-sector organization would tolerate.

In some cases, the nominees really aren't all that familiar with the industries they will be tasked with regulating.

That won't be the case with his choice to become the next Secretary of Agriculture, however, assuming the former Georgia Gov. Sonny Perdue's nomination is confirmed by the Senate.

Perdue, the final appointee to Trump's Cabinet, is a veterinarian whose two terms in office as chief executive of one of the country's top poultry-producing states equips him with an in-depth knowledge of the animal protein sector. And you can't serve as governor of Georgia without becoming well-acquainted with the cultivation and marketing of peanuts, cotton and timber.

Although environmental groups and anti-trade activists are upset with his connections to "Big Agribusiness," there is genuine value in bringing in someone with firsthand knowledge of agricultural production to head up one of nation's largest federal agencies. Ideology aside, a knowledge of the operations and challenges facing any industry is critical to enforcing regulations in a way that protects the public yet doesn't hamstring business.

(Plenty of people at both ends of the political spectrum would argue that such a balancing act is all but impossible).

Positive Reaction

The reaction to Perdue's nomination from the meat and poultry industries, and from a fellow officeholder was swift and supportive.

"Gov. Perdue has a strong record as two-term chief executive of Georgia and is acquainted with a wide array of agriculture commodities," Mike Brown, president of the National Chicken Council, said in a



statement. "As a veterinarian, agribusiness owner and a governor who established an agricultural advisory committee in Georgia, he understands and appreciates the importance of American agriculture both here and abroad."

Zippy Duvall, a Georgia native who formerly served as president of the Georgia Farm Bureau and was elected president of the American Farm Bureau Federation in 2016, predictably endorsed Perdue's ability to lead the agency. "He understands the challenges facing rural America, because that's where he was born and raised," Duvall told reporters. "He is a businessman who recognizes the impact immigration reform, trade agreements and regulations have on a farmer's bottom line and [the] ability to stay in business from one season to the next."

Sen. David Perdue (R-Ga.), Sonny's cousin, also expressed his pride in the selection. "Sonny's executive experience as a two-term governor of Georgia, the first Republican in 135 years, as well as his veterinary background and agribusiness career, are a few of the many reasons he is the best person for the job," the senator said in a statement.

Barry Carpenter, president and CEO of the North American Meat Institute, said that, "We welcome news that a person like Gov. Sonny Perdue, with his extensive knowledge and experience in the agricultural sector, has been nominated to serve as the Secretary of Agriculture. We look forward to working with Gov. Perdue to ensure the safety of the nation's meat and poultry supply and to address the challenges facing our industry."

[Just one quick aside: Can we get some clarification on which titles are lifelong? "Mr. President" will always be how ex-presidents are addressed, but I want to know what else makes the short list of once-scored-never-ignored titles. Governor? Apparently. Senator? I guess so, unless you ascend to another office, like Secretary. General? Definitely. But where's the cutoff? Does Vice President make the list? What about Congressman or Congressperson? Colonel? Attorney General? Are those lifetime titles? Seriously, I think we need an official list of titles that are conferred for eternity, versus those that only have a lifespan as long as the person is serving in the actual job].

Of course, Perdue's biggest challenge won't be learning the nuances of commodities marketing, or the details of food-safety regulations. His No. 1, mission-critical challenge will be dealing with the trade negotiations that either enhance or restrict opportunities for exports of U.S. farm commodities.

As Kari Hamerschlag, deputy director of food and technology at Friends of the Earth, cautioned in a news release, "Given Perdue's position with a global agribusiness trading company and his actions as governor, we are concerned that Perdue will use his position at the USDA to prioritize the profits of big agribusiness and trade over the interests of American farmers, workers and consumers."

In truth, the interests of agribusiness can — and should — align, not compete, with those of farmers, workers and consumers.

Farmers, obviously, benefit from ag exports. As a nation, we grow too many food crops and raise too many livestock to be limited only to the domestic market. Negotiated judiciously, trade deals can benefit agribusiness, but earn profits for farmers and growers, as well.

As for workers, they are also consumers, and food safety, security and affordability are the underappreciated benefits of the success of U.S. agribusiness, a development Perdue will be charged with sustaining.

But he's in a great position to do just that, because given the controversies swirling around so many other Trump appointees, Perdue will likely be able to go about his new job with as little scrutiny as that office has had in decades.

The opinions expressed in this commentary are those of Dan Murphy, a veteran journalist and columnist and do not necessarily reflect those of Farm Journal Media.

AUSTRALIA

Bajaron las exportaciones carnes bovinas en 2016

11 January 2017 Total beef exports for 2016 were down 26% year-on-year, influenced by constrained supplies, currency fluctuations and diverging production trends in major importing countries. The latest global beef exports summary for December reports 89,351 tonnes shipped weight (swt) during this period, bringing the 2016 total to 1.01 million tonnes swt. Despite the decrease, 2016 was the fourth consecutive year beef exports exceeded one million tonnes.

Supply synopsis

Although demand for Australian beef has not waned, limited supply throughout 2016 affected export figures. Australian beef production as of October totalled 1.77 million tonnes cwt, 18% lower than the year-to-October 2015 total (2.17 million tonnes cwt). Domestically, the cattle herd reached a twenty year low of approximately 26 million head, creating strong competition between restockers, feedlots and processors for the limited availability; reflective in the Eastern Young Cattle Indicator (EYCI) breaking through the 700¢/kg cwt. Year-to-October slaughter numbers were back 21%, - albeit off a high base following the



extremely high cattle turnoff seen in both 2014 and 2015 as significant drought affected the cattle producing regions. However, the 6.6 million head of cattle slaughtered year-to-October in 2016 still tracks 10% lower than the 10-year average, underlining the tight supply.

Currency movements

The Australian dollar has seen upward trends against most major trading partner's currency across the entirety of 2016. A\$/US\$ moved 3US¢ higher over the course of the year, currently trading at 73US¢. A number of key political outcomes throughout 2016 created an element of volatility in the market; the US election triggered the dollar to rally into the New Year, pulling the Australian dollar lower. A\$/YEN moved just shy of 10¥ higher from October until December, stimulated primarily by the strengthening US\$. A\$/KRW peaked at 903₩ in March; economic down turn in South Korea offered some yield to the Australian dollar however the impeachment of the South Korea president at the close of 2016 provided some resistance – currently trading 883₩. 'Brexit' caused shockwaves across the European Union, as the United Kingdom voted to leave; creating an extremely attractive proposition for Australian exporters if trade access can be granted. Since the vote was confirmed the Australian dollar has moved 20% higher against the GBP. For exporters a strong Australian dollar means a less attractive product for import destinations as it drives prices higher and creates a more expensive commodity.

Grassfed / Grainfed trends

Grassfed exports declined 27% year-on-year, as opposed to grainfed cattle which remained in line with the volumes exported in previous years. Total grainfed exports for the year reached 260,386 tonnes swt; year-to-September grainfed exports were 196,096 tonnes swt, around 1% higher year-to-date from the previous year. Higher global grain availability resulted in lower feed grain prices and fodder prices also moved lower as a result of extensive rainfall. Feedlot cattle turn-off for the year-to-September were a little over 2 million head, despite being down 8% year-on-year; with favorable feed and demand for grainfed product in some major export markets high, cattle marketing's were 6% higher than the 10-year average for the year-to-September.

Exports to the US

Beef exports to the US declined 42% year-on-year, underpinned by tight domestic supply but also a recovery in US production which increased 6% for the year-to-October. It should be noted that the lower exports are compared to a high base, having reached quota for the first time the previous year. The 90CL indicator has been under supply pressure throughout 2016, with exports for manufacturing 90CL beef down 48% to 48,503 tonnes swt. Imported prices for 90CL beef topped 609A¢/kg CIF in July this year, compared to 728A¢/kg CIF in 2015, as a consequence of higher domestic availability.

Exports to South Korea

Korea has been a growth market for Australian beef, with shipments moving 8% higher year-on-year. Total beef exports reached 179,854 tonnes swt, with grainfed beef attributing 55,576 tonnes swt, a 26% increase year-on-year. Grassfed beef exports to Korea were up 1% year-on-year at 124,098 tonnes swt. Favorable market conditions in Korea helped Australian export volumes during 2016. High priced domestic Hanwoo beef coupled with low production resulted in reduced consumption of domestic beef. Increased beef imports with higher price competitiveness against the local Hanwoo beef made up for the shortage in domestic beef supply.

Exports to Japan

Total beef exports to Japan declined 7% year-on-year, with both grass and grainfed exports fallings by the same margin, beef exports to Japan for 2016 reached 264,325 tonnes swt. Since Japan has removed import restrictions on US beef following the BSE outbreak, the US has started to reclaim a greater share of the market. Despite a favorable tariff rate for Australian producers over the US, prices for Australian beef remain high globally, especially for chilled beef. Indicative Australian export prices to Japan for cube roll moved from 1,184 A¢/kg in April 2015 upwards to 1,922A¢/kg in October 2016.

Other markets

Beef exports to Indonesia increased 58% year-on-year as the Indonesia government sought to bring domestic prices lower, import quotas on beef were increased as a result with the majority of beef coming from Australia and New Zealand. Total beef exports to Indonesia reached 61,676 tonnes swt.

Beef exports to China finished 2016 at 129,953 tonnes swt – down 30% year-on-year. The expansion of Brazilian product into China, particularly for frozen beef facilitated a reduction in Australian frozen beef exports. However, higher quality grainfed beef exports to China increased 9%.

Exports to the MENA region totalled 30,798 tonnes swt – a 42% decline year-on-year. Volumes to Saudi Arabia witnessed the majority of the decline, as imports from Brazil continue to increase following the re-introduction of Brazilian beef imports in 2015.

Grainfed exports to the EU remained stable throughout 2016, declining only 1% year-on-year. Demand for Australian grainfed product has been stable ever since access was gained to the EU grainfed quota in 2010. Total beef exports to the EU totalled 20,841 tonnes swt, an 11% year-on-year drop, with grassfed volumes moving 34% lower year-on-year.



Productores bovinos son eficientes comparados con el resto del mundo

16 January 2017 Meat & Livestock Australia - According to the latest agri benchmark results, the results were varied somewhat across the globe, but it is clear that Australia remains an efficient beef producer, with a moderate to low cost of production.

While cow-calf enterprises were generally profitable in 2015, cattle finishing was not, although it had improved from 2014 levels.

Typical Australian beef farms achieved the highest levels of profitability since 2006 and were mostly profitable on both a short- and medium-term basis in 2015, but only two of the eight systems being monitored were profitable in the long-term – given Australia's relatively high opportunity costs of land and labour.

Australia has moderate to low calf weaning rates and cow herd productivity, compared with similar systems.

The report also shows that Australia achieves moderate-to-high weight gains in southern farming systems, but low gains in extensive northern systems.

In 2015, Australian cattle prices rose appreciably, partly catching up on earlier global price rises, following the impact of the prolonged 2012-2014 drought (cattle oversupply) and a high A\$.

Other findings in the report include:

Global beef prices were generally on the decline into 2015 in USD terms, but rose in local currency terms, which highlights the effect of a rising USD.

Few countries can boast long-term profitability in beef production at present, though higher beef prices improved results for Australian farms in 2015, whereas globally, profitability fell marginally for most countries.

This, together with continued climate volatility (especially drought) and growing resource and environmental constraints, suggests that global beef supply response will be moderate, and are unlikely to lead to a major beef price over-correction (as earlier global cattle production and price cycles have).

CHINA

Aditivos y contaminación: graves problemas

18 January 2017 - Overuse of food additives and microbial contamination were the primary food safety problems facing China last year, according to the top food authority.

The two together accounted for more than 64 per cent of all food safety problems found in random inspections by the China Food and Drug Administration, Yan Jiangying, spokeswoman for the administration, announced on Monday.

"The overall situation remained stable compared with the previous year, as nearly 97 per cent of the food products inspected last year were up to standard," Ms Yan said.

About 257,000 samples of food products were tested nationwide by the administration last year.

For infant milk powder, 0.9 per cent failed to meet the national standards. Dairy products, in general, recorded satisfactory results, with 99.5 per cent up to standards.

In addition, food products manufactured and sold by large companies are less likely to be substandard, Ms Yan said, suggesting consumers buy food from reputable outlets.

Additional food safety concerns revealed in the inspection last year included heavy metal contamination, and excessive amounts of pesticide residues and veterinary drugs, she added.

She attributed these problems to contamination of soil and water, and the overuse of pesticides and animal drugs, particularly antibiotics.

Guo Wenqi, deputy director of the administration, said, "These will also be the focus of our inspections in 2017."

He pledged to further beef up random inspections of farm produce within the year and enhance cooperation with agricultural authorities to safeguard food safety and quality.

"Results of the inspections will be publicized in a timely manner to help consumers with food choices in the market," he said.

Despite strengthened government efforts and improved food safety conditions, China still faces challenges, public health experts said.

In a case reported by Beijing News on Monday, a gang in Tianjin was caught making fake brand-name food, including sauces and seasonings, with industrial salt and leftovers.

The food can cause kidney and liver damage, the paper quoted Liu Shaowei, an expert at East China University of Science and Technology, as saying.

TheCattleSite News Desk



SUDAFRICA inicia tratativas para exportar carnes a CHINA

19 January 2017 - The Department of Agriculture, Forestry and Fisheries (DAFF) of the Republic of South Africa hosted a delegation from the General Administration of Quality Supervision, Inspection and Quarantine (AQSIQ) of The Peoples Republic of China to discuss cooperation in sanitary and phytosanitary matters and to further assess the possibility of exporting South African beef to China.

The Chinese delegation was hosted from 09 to 18 January 2017 by the Director-General of the DAFF, Mr Mike Mlengana.

Both parties agreed on mechanisms to strengthen the cooperation in sanitary and phytosanitary matters. Additionally, parties reviewed the Memorandum of Understanding (MoU) on Entry and Exit Animal Inspection and Quarantine and discussed veterinary measures relating to the export of South African beef to China.

The reviewed MoU and the veterinary documents emanating from the discussions are to be subjected to legal consideration by both parties. The parties also facilitated the engagements between the Agricultural Research Council (ARC) of the Republic of South Africa and the Chinese Academy of Inspection and Quarantine (CAIQ).

The ARC and the CAIQ explored cooperation in the field of veterinary diagnostics and discussed the Memorandum of Understanding and Material Transfer Agreement between the two institutions.

The Chinese delegation also visited selected feedlots, abattoirs, and beef processing plants, cold stores and ports of entry to assess the South African beef production system.

The delegation, led by Deputy-Director General of AQSIQ, Mr Zhao Zenglian, expressed overall satisfaction about the South African beef production system but also cited further regulatory improvements to be implemented by the South African veterinary authority before further consideration of the South African request to export beef to China.

The Director-General of the DAFF, Mr Mlengana, in his response; thanked the Chinese delegation for the cordial discussions and for the invested efforts shown during their visit to South Africa.

He expressed satisfaction with the progress made during the discussions.

Moreover, Mr Mlengana committed to give attention to the regulatory issues raised by the Chinese delegation after consultation with the South African beef industry on the recommendations.

TheCattleSite News Desk

EMPRESARIAS

Minerva obtuvo un premio por su exitosa emisión de títulos

Fonte: Valor Econômico, adaptada pela Equipe BeefPoint. 17/01/17 - A emissão de US\$ 1 bilhão em bonds com vencimento em 2026 feita pela Minerva Foods em setembro do ano passado foi premiada pela publicação especializada Latin Finance como o “negócio do ano (“Deal of the Year”) na categoria de emissores “high yield” (títulos considerados de maior risco e, portanto, de retorno maior ao investidor).

Na categoria “high yield”, a Minerva concorreu com a emissão, também de US\$ 1 bilhão, feita pela empresa mexicana de cimento Cemex. Mas a empresa brasileira levou vantagem na precificação dos títulos, pagam um cupom anual de 6,5% ao ano ao investidores.

Para a Minerva, os recursos levantados com a emissão serviram para resgatar títulos mais caros. Foram recomprados títulos que venciam em 2023 e que tinham um cupom anual de 7,5% ao ano. Com a recompra, a companhia estima que economizará anualmente cerca de US\$ 5 milhões em juros.

Marcos Molina elevó su participación dentro de MARFRIG

Fonte: Valor Econômico, adaptada pela Equipe BeefPoint. 18/01/17 - por Equipe BeefPoint

A Mafrig informou que seus controladores, a MMS Participações, Marcos Antonio Molina dos Santos e Marcia Aparecida Pascoal Marçal dos Santos, aumentaram sua fatia na Marfrig Global Foods, atingindo 209.703.592 ações ordinárias (ONs), ou 40,23% do total de papéis emitidos pela empresa.

A companhia afirmou ainda que o aumento na participação não celebrou acordo ou contrato que regule o exercício do direito de voto ou compra e venda de valores mobiliários de emissão da Marfrig Global Foods.

Em dezembro, a MMS Participações já havia elevado sua fatia na Mafrig Global Foods, atingindo 160.548.122 ações ordinárias (ONs), ou 30,80% do total de papéis emitidos pela empresa.

Somados à participação de Marcos Antonio Molina dos Santos e Marcia Aparecida Pascoal Marçal dos Santos, esse volume era de 203.387.790 de ONs, ou 39,02% do total de ações, em 23 de dezembro.

Minerva canceló la compra del frigorífico Frisa y sus acciones bajaron

18/01/17 - por Equipe BeefPoint No primeiro pregão após a Minerva Foods anunciar o cancelamento da aquisição do frigorífico capixaba Frisa, as ações da empresa operam em baixa na BM&FBovespa. Há pouco, os papéis da Minerva eram cotados a R\$ 11,80 na bolsa paulista, queda de 1,3%.



Anunciada em 7 de novembro, a compra do frigorífico Frisa pela Minerva custaria R\$ 205 milhões. Sexto maior exportador de carne bovina do Brasil, o Frisa tem três frigoríficos que, juntos, podem abater 1,7 mil bovinos por dia. Para a Minerva, o Frisa representaria um acréscimo de 10% sobre a capacidade de abate. Atualmente, a Minerva pode abater 17 mil animais por dia. Por ano, o Minerva fatura pouco mais de R\$ 10 bilhões. O Frisa fatura cerca de R\$ 1 bilhão.